Cadernos CESPUC
1º Semestre de 2019 - n. 34

Os rastros psicanalíticos em Drummond: Uma análise do poema "A Mesa"

Juliana Pereira Andrade*

Resumo

O poeta Carlos Drummond de Andrade, nos inúmeros poemas que escreveu, abordou diversas temáticas. Uma dessas temáticas é a da "família", muito relevante por apresentar um um teor autobiográfico. Em uma das antologias do poeta, publicada em 1962, há uma seção, com dez poemas, dedicada aos temas familiares. A relevância de se ter um elemento de certa forma autobiográfico possibilita uma análise psicanalítica, para além daquilo que está evidente do texto. Baseando-se nas teorias de Lacan e Freud, a partir da perspectiva de Helio Pellegrino, este artigo pretende explorar um dos poemas dessa antologia: "A mesa". O objetivo é analisar as relações entre pai, mãe e filho apresentados no poema a partir dos conceitos psicanalíticos.

Palavras-chave: Literaturas de língua portuguesa. Poesia. Psicanálise.

Los rastros psicoanalíticos en Drummond: Un análisis del poema "A mesa"

Resumen

El poeta Carlos Drummond de Andrade, en los inúmeros poemas que escribió, expuso varias temáticas diferentes. Una de esas temáticas es la de la "familia" que tiene mucha relevancia en el ámbito de su obra debido a un contenido autobiográfico. En una de las antologías, que fue publicada en 1962, hay una sección dedicada a ese tema familiar, que cuenta con un total de diez poemas. La relevancia de tenerse un elemento que de cierta manera es biográfico del autor, principalmente en lo que se refiere a la cuestión familiar, está centrada en la posibilidad de hacer un análisis psicoanalítico, más allá de lo que está evidente en el texto. Basándose en las teorías psicoanalíticas de Lacan y Freud, a partir de la perspectiva de Helio Pellegrino, ese artículo tiene la intención de explorar uno de los poemas de esta antología, nombrado "A mesa". El objetivo es analizar las relaciones entre padre, madre e hijo presentes en lo mismo por medio de los conceptos psicoanalíticos.

Palabras clave: Literaturas de lengua portuguesa. Poesía. Psicoanálisis.

Recebido em: 10/03/2019
Aceito em: 13/04/2019

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas). Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista CAPES. ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-7343-9618

INTRODUÇÃO

O poema "A mesa", de Carlos Drummond de Andrade, compõe a Antologia organizada pelo autor em 1962. Junto com outros nove poemas, constitui o segmento do livro denominado "A família que me dei". Os poemas dessa seção, principalmente pela temática que abordam, remetem profundamente a elementos autobiográficos. A escrita, rica em detalhes e descrições de cenas cotidianas da família, nos dá a sensação de conhecer um pouco sobre o universo de Drummond.

> (...)
> Ai, grande jantar mineiro
> que seria esse... Comíamos,
> e comer abria fome
> e comida era pretexto.
> (...)
> (DRUMMOND, 1998, p. 78)

A referência à comida mineira remete às origens do autor, à cidade mineira de Itabira e ao seu lugar de encontro e contato com a família. O poema "A mesa" é um poema longo, de quase dez páginas, e apresenta descrição de eventos que se seguiram durante um encontro familiar para um jantar. A figura principal nesse ambiente é certamente o pai. Embora Drummond refira-se aos irmãos e à mãe, é o pai o personagem principal, estabelecendo-se uma relação um tanto quanto conflitiva entre o eu-lírico e a figura paterna.

> (...)
> Tão ralo prazer te dei,
> Nenhum, talvez... ou senão,
> esperança de prazer,
> é, pode ser que te desse
> a neutra satisfação
> de alguém sentir que seu filho,
> de tão inútil seria
> sequer um sujeito ruim.
> (...)
> (DRUMMOND, 1998, p. 82)

Percebe-se nesses versos certa frustração do eu-lírico por sentir que nunca satisfez o pai, que não foi motivo de orgulho, mas um filho reconhecido como inútil. Em contraposição a esse sentimento de fracasso diante do pai, a figura da mãe, nas poucas vezes que aparece, representa aquela que protege e que cuida.

(...)
e o desejo muito simples
de pedir à mãe que cosa,
mais do que a nossa camisa,
nossa alma frouxa, rasgada....
(...)
(DRUMMOND, 1998, p. 78)

Esta questão do relacionamento desconcertado entre pai e filho, em oposição à imagem positiva da mãe, interessa bastante em termos de uma análise psicanalítica. Estabelecendo-se paralelos entre o poema e o "Complexo de Édipo", proposto por Freud, em conjunto com os estudos de Lacan sobre "desejo e castração", é possível compreender melhor o porquê dessa distância entre o eu-liríco e o pai, o porquê desse sentimento de falha, de inutilidade que o filho carrega.

A CASTRAÇÃO PELO PAI – PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS

Os estudos psicanalíticos de Freud, tomando como referência o mito de Édipo, tratam de uma certa relação de disputa entre pai e filho, sendo a mãe o objeto de desejo[1]. O pai é aquele que vem romper essa relação mãe e filho, impedir que este alcance seu objeto desejado num âmbito incestuoso. Essa relação se dá em uma certa etapa de desenvolvimento da criança:

> Diz Freud: entre os 3 e os 5 anos a criança chega à organização fálica – ou genital infantil – de sua libido. (...) Nessa etapa – fálica – de sua evolução libidinal o menino deseja sexualmente a mãe, a partir de uma posição genital infantil, e odeia o pai, rival que lhe impede a satisfação de sua paixão incestuosa. O menino quer possuir a mãe, sexualmente, e quer matar o pai. Ele luta contra a interdição do incesto que o separa da mãe. Quer matar o pai, seja como rival, seja como representante da Lei da Cultura. (PELLEGRINO, 1983, *online*)

Observa-se que a mãe, aquela que gerou o filho, que se manteve conectada com ele pelo cordão umbilical, mantém a conexão com a criança fora do útero. E quem corta esse "cordão", agora invisível, é o pai, ele é o ser castrador. Segundo Pellegrino (1983), "O Édipo representa a derradeira etapa de um progressivo – e doloroso – processo de separação: corte do cordão umbilical, desmame e, por fim, proibição do incesto, ao nível da genitalidade infantil." A criança na etapa precedente à castração é movida puramente pelo seu desejo e o pai interfere para que a criança passe a ser governada pela realidade.

> A criança, por sua prematuração, não suporta estar separada dos objetos que atendam à sua necessidade e ao seu desejo. (...) No começo a criança alucina a realidade e as experiências de satisfação, e as coloca sob a égide do princípio do prazer. Para este, conta o prazer acima

1 "Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância (...) Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex (...) a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalcamento que separa seu estado infantil do seu estado atual." (FREUD, 1996 *apud* SOUZA, 2006)

> de tudo (...) O princípio do prazer nega a realidade. Este é o primeiro movimento do infante ao nascer. (...) Essa função, negadora da realidade, é uma função fálico-imaginária. (...) Com o passar do tempo, e em virtude do processo de minha própria maturação, percebo, literalmente, que não posso viver de ilusão. (...) Preciso da realidade e dos outros cada vez com mais urgência. A negação da realidade, pela qual construí meu sentimento de completude narcísica, tem que agora ser, por sua vez, negada. (PELLEGRINO, 1986, p. 319-320)

No trecho acima, Pellegrino aborda os estudos de Lacan, tratando de uma evolução da criança do nível do *imaginário* ao do *simbólico*. Num primeiro momento, temos a criança regida pelo imaginário, comandada pelo princípio do prazer. É nesse momento que se dá a questão do desejo do filho pela mãe.[2] É possível observar traços desse desejo no poema "A mesa", de Drummond. Percebe-se claramente, como há uma quase divinização da mãe, uma descrição de um ser que sofre, mas que tem uma pureza impressionante. Há também um reconhecimento dela como aquela que gerou os filhos.

"(...)
Quem preparou? que inconteste
vocação de **sacrifício**
pôs a mesa, **teve os filhos**?
quem se apagou? quem pagou
a pena deste trabalho?
Quem foi a mão invisível
que traçou este arabesco
de flor em torno do pudim,
como se traça uma **auréola?**
quem tem **auréola**? quem não
a tem, pois que, sendo de ouro,
cuida logo em reparti-la,
e se pensa melhor faz?
quem senta do lado esquerdo,
assim curvada? que **branca**,
mas que **branca** mais que **branca**
tarja de cabelos **brancos**
retira a cor das laranjas,
anula o pó do café,
cassa o **brilho** dos **serafins?**
quem é toda **luz** e é **branca**?
Decerto não pressentias
Como o **branco** pode ser
uma tinta mais diversa
da mesma **brancura**...**Alvura**
elaborada na **ausência**
de ti, mas ficou **perfeita,**
concreta, fria, lunar

2 "A mãe basta para mostrar ao filho o quão insuficiente é o que ele lhe oferece, e basta também para proferir a proibição do uso do novo instrumento" (LACAN, 1998 *apud* ZENONI, 2007)

Como pode nossa festa ser
de um só que não de dois?
(...)"
(DRUMMOND, 1998, p. 85, grifos nossos)

O léxico usado nos diz muito sobre o sentimento em relação à mãe e sobre as relações entre ela e os filhos. As palavras de um campo semântico diretamente conectado à figura do anjo, como "auréola", "serafins", "alvura", "brancura", "luz" e principalmente a repetição de "branco", remetem-se a um ser que é colocado em posição superior, que está elevado, que é puro. Essa é a figura da mãe, o objeto de desejo, do qual ele também expressa a ausência. A "ausência de ti" pode ser um efeito da castração pelo pai, que afasta o filho da possibilidade de ter a mãe. O pai parece ser o que domina e que apaga a mãe, como se pode observar pelos últimos dois versos do trecho acima: "Como pode ser/ uma festa de um só e não de dois".

O pai é descrito de maneira completamente oposta e diversos trechos evidenciam a visão e os sentimentos que o eu-lírico tem em relação a ele. O pai, sendo aquele que impede o desejo do filho pela mãe, é o ser castrador na perspectiva da criança. Essa sensação de interdição pode ser inferida no seguinte trecho do poema.

Falamos de boca cheia,
xingamo-nos mutuamente,
rimos, ai, de arrebentar
esquecemos o respeito
terrível, inibidor,
e toda a alegria nossa (...)
vem tudo à mesa e se espalha
qual inédita vitualha.
(DRUMMOND, 1998, p. 84, grifos nossos)

O trecho destacado evidencia que houve um impedimento por parte do pai e que houve uma necessidade de respeitar isso, ainda que fosse "terrível". A figura paterna é o ser "inibidor" na visão da criança, do filho, ou seja, é aquele que impõe sua "lei".[3] Essa lei, tem a função do rompimento do desejo mãe-filho, estabelecendo-se, definitivamente, a configuração familiar e um primeiro contato do filho com as relações culturais. A criança precisa passar por essa etapa para inserir-se socialmente. Talvez seja por isso que, embora seja dolorosa a imposição da lei, percebe-se no excerto acima, e também no que se segue, que há alegria no núcleo familiar.

"(...)
Estais juntos nesta mesa
de madeira mais de lei
que qualquer lei da república.
Estais acima de nós,
acima deste jantar
para o qual vos convocamos

3 "Ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de que o pai efetivamente promulga a lei da proibição do incesto. As pessoas às vezes até o dizem, mas o pai nunca o articula, por assim dizer, na condição de legislador ex cathedra. Ele faz obstáculo entre a mãe e o filho, ele é o portador da lei, mas em direito, uma vez que, no fato, ele intervém de outro modo." (LACAN, 1998 *apud* ZENONI, 2007)

por muito — enfim — vos querermos
e, amando, nos iludirmos
junto da mesa
vazia."
(DRUMMOND, 1998, p. 86)

Observa-se nesse fragmento do poema um elemento muito relevante, que nos faz entender bastante da relação do pai com o filho. Existe o momento do impedimento imposto pela lei, da castração, mas existem vínculos entre a criança e a figura paterna, o que, de certa forma, sustenta a aceitação da lei pelo filho. Pelos verso "(...) por muito — enfim — vos querermos(...)" percebe-se a expressão desse afeto não só para com o pai, mas também para com a mãe. A lei é amparada pelo amor e elemento central na constituição da família como um todo.

> Nesse sentido, para a resolução do Édipo, é necessário o temor à castração segundo a concepção freudiana. Uma lei que não seja temida – que não tenha potência de interdição e de punição – é uma lei fajuta, impotente. No entanto, (...) uma lei que se imponha apenas pelo temor é uma lei perversa, espúria – lei do cão. Só o amor e a liberdade, subordinando e transfigurando o temor, permitem uma verdadeira, positiva e produtiva relação com a lei. A autêntica aceitação de interdito do incesto, de modo a torná-lo nódulo crucial capaz de estruturar uma identificação posterior com os ideais da cultura, só é possível na medida em que a criança seja amada e respeitada como pessoa na sua peculiaridade pelo pai e, antes dele, pela mãe. (PELLEGRINO, 1983, *online*)

Entende-se então que há realmente um processo de aceitação da castração e pouco a pouco uma aproximação entre o pai e o filho. Esse momento final poderia ser relacionado ao já citado "princípio da realidade" de Lacan, que é momento em que a criança passa a não ser mais regida pelos seus desejos e "construções imaginárias" ela vai, então, "simbolizá-las no mundo exterior segundo as leis que a regem e, acima de tudo, segundo as leis da linguagem e da cultura." (PELLEGRINO, 1986, p. 320). A criança, sendo agora um ser que cede às leis sociais e culturais, começa adquirir seus valores dentro da família e o pai, aquele que castrou o filho, passa a ser agora o parâmetro a se seguir. Para Pellegrino,

> [o] menino acaba, na hipótese mais favorável, por abrir mão do seu projeto incestuoso. Ele internaliza a proibição do incesto e se identifica com os valores paternos. Dessa forma, cumpre uma etapa fundamental que o prepara no sentido de se tornar sócio da sociedade humana. (PELLEGRINO, 1983, *online*)

Tornar-se um ser social é, então, uma tarefa dolorosa. É preciso ceder aos próprios desejos e aceitar as leis. É tarefa do pai impor primeiramente as regras. Essas posteriormente serão internalizadas e o filho passa a se assemelhar ao pai na conduta e reafirma a própria castração.

"(...)
Pois ele sou eu. Repara:
tenho todos os defeito
que não farejei em ti
e nem os tenho que tinhas,
quanto mais as qualidades
Não importa: sou teu filho
como ser uma negativa
maneira de te afirmar
(...)"
(DRUMMOND, 1998, p. 82)

CONCLUSÃO

A análise psicanalítica, mesclando as perspectivas Freudiana e Lacaniana, do poema "A mesa", de Carlos Drummond de Andrade, permitiu-nos a revelação de uma gama de elementos da natureza do núcleo familiar. Encontram-se nas entrelinhas traços de como se desenvolveu a relação do eu-lírico com a mãe e o pai, com uma ênfase bastante clara no segundo. Percebe-se uma dor e ressentimento que o filho, já adulto, carrega em relação ao pai, o que, inconscientemente, pode estar relacionado ao processo de castração dos seus desejos, pelo pai, na fase infantil. Ao passo que, a mãe, segue sendo para ele um ser superior, o que também é um resquício inconsciente do desejo.

Há uma variação evidente entre sentimentos positivos e negativos, principalmente em relação à figura paterna e isso reforça a ideia da influência do inconsciente. O adulto é afetado pelas suas experiências infantis, que de certa forma retornam sem que ele as perceba. Por fim, considerando a perspectiva autobiográfica, é relevante pensar que durante o processo de escrita as próprias experiências inconscientes, e também conscientes do autor podem ter vindo à tona no poema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.D.de. **Antologia poética**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

PELLEGRINO, H. Édipo e a paixão. In: PELLEGRINO, H . **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras,1986.

PELLEGRINO, H. **Pacto Edípico e Pacto Social**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1983. Disponível em: <http://www.psicologiahailtonyagiu.psc.br/materias/ponto-vista/287-pacto-edipico-e-pacto-social-helio-pellegrino>. Acesso em: 16 ago. 2018.

SOUZA, M. R. de. **A psicanálise e o complexo de édipo:** (novas) observações a partir de Hamlet. Psicologia USP, 2006, 17 (2), 135-155. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v17n2/v17n2a07.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2019.

ZENONI, A. **Versões do Pai na psicanálise lacaniana:** o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. Tradução de Nina de Melo Franco. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 15-26, jun. 2007. Disponível em: <http://200.229.32.55/index.php/psicologiaemrevista/article/view/258/267> Acesso em: 12 abr. 2019.